



As conexões da cultura, da educomunicação, da cosmovisão afroreferenciada e da agroecologia: saberes, metodologias e práxis

The connections of culture, edcommunication, the Afro-referenced cosmovision and agroecology: knowledge, methodologies and praxis

MORAES, Julianne Caju de Oliveira Souza¹; AMARAL, Ivoneides Maria Batista do²; MOREIRA, Benedito Dielcio³

¹ UFMT, juliannecaju@gmail.com; ² UFMT, ivoneidesbamaral@gmail.com;

³ UFMT, dielcio.moreira@gmail.com

RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO

Eixo Temático: Construção do Conhecimento Agroecológico

Resumo: Este trabalho apresenta reflexões sobre os saberes ancestrais, tradicionais, populares, orais e memoriais através de diálogos com alguns teóricos que refletem sobre cultura, educação, comunicação, educomunicação, africanidade e a agroecologia. A revisão bibliográfica possibilita encontrar convergências entre essas ciências, quais as maneiras que se complementam e se completam, como elas podem contribuir com as pautas relacionadas com a construção de uma sociedade com mais justiça, equidade, respeito, igualdade, cuidados com o ser humano e com o meio ambiente. As conexões encontradas mostram a importância dos agentes dessas ciências e desses saberes continuarem seus trabalhos no campo e na cidade, na escola e no trabalho, em casa e nos meios de comunicação, nos grupos e nas ruas, nos jardins e nas florestas, nas empresas e nos quilombos, nos prédios e nos quintais. As relações identificadas apresentam metodologias educacionais, afroreferenciadas e agroecológicas que integram e respeitam todas as formas de vidas.

Palavras-chaves: saberes; ancestralidade; decolonial; ciências; humanidades.

Introdução

Esse trabalho nasceu na “Oficina de Escrita de Mato Grosso” realizada no início do mês de julho deste ano por membras da Associação Brasileira de Agroecologia (ABA) com apoio do Centro Vocacional Tecnológico em Agroecologia (CVT/Agroeco) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Com o intuito de estimular a escrita criativa no ambiente acadêmico, unir o conhecimento e formação dos graduandos e pós graduandos, relacioná-los ao tema da agroecologia, utilizou-se os estudos interseccionais realizados no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea (ECCO) da UFMT na perspectiva dos Estudos Agroecológicos.

Olhar para as transformações da sociedade e da ciência são alguns dos caminhos necessários no processo de pesquisa das áreas das Humanidades e Sociais. Isso pode possibilitar a produção de conhecimento a partir dos lugares de fala, das atuações e dos espaços que se propõe estar.



Nesse sentido, esse trabalho tem o intuito de colaborar com as discussões e ações que vêm sendo feitas pelos membros da ABA, bem como pelos debates que a sociedade contemporânea vem fazendo ecoar a fim de combater as muitas mazelas sociais, ambientais, culturais, estruturais e institucionais que constituem a formação de muitos países, principalmente os da América Latina.

Já no primeiro período da referida oficina optou-se por trazer as relações entre a cultura, educação, comunicação, educomunicação, africanidade com a agroecologia. Na atividade prática organizou-se as possibilidades de textos que seriam desenvolvidos. Descobriu-se muitas alternativas de artigos a partir dos saberes e das Ciências Sociais com a Ciência Agroecológica.

O presente trabalho compõe reflexões acerca da cultura, educação, comunicação, educomunicação, africanidade e a agroecologia com o objetivo de multiplicar as aprendizagens, de provocar reflexões e fazer partilhas com os participantes do XII Congresso Brasileiro de Agroecologia e outros leitores, no intuito de propagar a expansão da “Agroecologia na boca do povo”.

Metodologia

Nesse artigo apresenta-se as sínteses, os conceitos e as reflexões contidas nas obras de alguns dos autores das Ciências Humanas e Sociais. A escolha dos autores deu-se pelo critério de serem utilizados nas linhas de pesquisas do PPGECO/UFMT e por possuírem convergências com a Agroecologia.

Quanto a essa área, optou-se pela autora que mais foi citada como referência por pessoas que são das Ciências Agrárias durante a oficina de escrita: a professora, pesquisadora e escritora Ana Primavesi, que em seus trabalhos reforça a importância da produção agrícola pela perspectiva da Agroecologia. Observou-se a unanimidade quanto aos ensinamentos e o legado da autora entre os estudantes, professores, pesquisadores, técnicos e agricultores familiares presentes na oficina .

A revisão bibliográfica possibilitou as conexões entre as ciências, contribuindo para descrever quais as maneiras que se complementam e se completam e como elas podem contribuir com as pautas relacionadas na construção de uma sociedade com mais justiça, equidade, respeito, igualdade, cuidados com o ser humano e com o meio ambiente.

Para esse trabalho, apresenta-se as reflexões sobre os saberes ancestrais, tradicionais, populares, orais e memoriais através de diálogos com Stuart Hall, Celestin Freinet, Paulo Freire, Muniz Sodré, bell hooks, Lélia Gonzalez, Grada Kilomba, Sandra Petit e Ana Primavesi. Seus trabalhos trazem diálogos sobre cultura, educação, comunicação, educomunicação, africanidade e a agroecologia.

No primeiro momento mostra-se as ideias principais desses autores entrelaçadas com as questões pesquisadas e com conexões entre eles. Em seguida, analisa-se



as convergências dos métodos, dos instrumentos e possibilidades desenvolvidas pelos autores para as práticas educomunicativas, afroreferenciadas e agroecológicas.

Resultados e Discussão

A parceria do homem com a natureza é uma das primeiras conexões que foi observada na revisão bibliográfica. A articulação da prática com o conhecimento científico é outra. O respeito aos saberes tradicionais, aprendidos, desenvolvidos e repassados pelos povos originários, é outra convergência. O pensar e fazer em movimento coletivo e democrático também foram encontrados nos trabalhos dos autores-pesquisadores. Caminhar de mãos dadas com todos os agentes que decidem, interferem e criam políticas públicas é desafio para todas as ciências, bem como para os que estão no chão das cidades e do campo.

A compreensão de que as áreas sociais, econômicas, políticas, ambientais, educacionais, artísticas, culturais, esportivas e de segurança dependem uma da outra é mais uma das ligações da educomunicação, da cosmovisão afroreferenciada e agroecológica. A reflexão sobre as constituições humanas a partir de subjetividades, mas também das interações coletivas e individuais, os convívios com o meio ambiente e o habitat, a comida que é usada para alimentar, nutrir e dar energia são também ligações que unem as ciências pesquisadas neste trabalho.

Os conceitos das ciências também apresentam conexões: a Agroecologia trabalha os processos ecológicos a partir dos saberes empíricos, tradicionais e científicos. Ana Primavesi (1997) defendeu em seus trabalhos a importância de cuidar e cultivar com os princípios da conservação e manutenção da vida. Do contrário, não há sustentabilidade, mas sim um fim previsível.

Para Primavesi o solo, a água, a planta, o clima, o animal e o homem estão interligados e todos compõem a natureza. "...a agricultura ecológica, antes de tudo, tenta restabelecer o ambiente e o solo. Não tem enfoque sintomático, mas causal. Evita problemas em lugar de combatê-los. Previne causas e não combate os sintomas" (PRIMAVESI, 1997, p. 97).

Esse contexto defendido pela cientista agroecológica remete a cosmovisão afroreferenciada que valoriza a terra, a cultura, as tradições, os recursos naturais e todos os seres vivos dos mais diferentes ambientes. A filosofia africana também defende a interconexão do homem e da natureza. A utilização dos saberes ancestrais, populares e científicos também compõem os princípios afroreferenciados. Não há uma única referência, mas sim múltiplas, diversas e plurais.

Os valores da cosmopercepção africana estão embasados nos referenciais teóricos e metodológicos da pretagogia, que enxergam no entrelaçamento da mente, do corpo, do cognitivo e do sensorial como um conjunto de tecidos que constroem as



subjetividades e as coletividades. Somos seres integrais, integrados, conectados e pertencentes às dimensões que afetam as vidas desde sempre.

Corpo e mente, conforme explica uma das criadoras da pretagogia, Sandra Petit, são indissociáveis. O que os ancestrais teceram continua sendo realizado no cotidiano, por meio da existência poética. A não separação de corpo e mente permite aprender de corpo inteiro de forma ampla e poética. “Parece-me importante trazer a dimensão de cuidado para com o corpo como altar sagrado de comunicação divina”, (PETIT, 2015, p. 123).

Assim como Primavesi propôs outros olhares para a forma de fazer agricultura, a filosofia africana propõe a descolonização, o rompimento com os pensamentos e práticas eurocentradas e colonizadoras. Esse processo é político, como também é honrar as memórias, é trazer à tona os ensinamentos afrorefenciados e ao mesmo tempo ir caminhando por outros trilhos de construção de novas maneiras mais humanizadas, cuidadoras e encantadoras.

Lélia Gonzales ao denunciar o racismo e o sexismo como formas de violência que subalterniza as mulheres negras, trouxe também reflexões sobre a importância de se reconhecer o jeito de ser, de falar e de se colocar no mundo pelas pessoas negras. Ela discursou e escreveu sobre a importância de uma educação a partir das experiências e vivências das comunidades, da interseccionalidade das relações que constituem as pessoas e as estruturas sociais, da crítica e da transformação. Para tanto, ela critica as normas gramaticais e ortográficas e sugere a valorização do “pretoguês” que significa o português africanizado falado no Brasil. Ela inclusive adotou em seus trabalhos o “pretoguês” como forma de fazer chegar para mais pessoas o que ela estava produzindo e problematizando.

Afirma-se que esse movimento de Lélia foi descolonizador, encantador e acima de tudo respeitador com os saberes populares e tradicionais do povo negro. Dessa maneira ela valorizou o legado histórico, social e cultural da população da América Latina e do Caribe, lugares por onde ela atuou. Com isso ela cria mais um método decolonial: a amefricanidade.

Esses jeitos de olhar para as comunidades, para as raízes, para os jeitos dos povos também foram usados pelos educadores Celestin Freinet e Paulo Freire, patrono da educação brasileira. Ambos sugeriram práticas pedagógicas que permitam a construção de uma pedagogia popular com o intuito de eliminar os resquícios de uma educação que leva à exploração do ser humano, reforçando as desigualdades sociais, educando para a alienação e levando a reforçar as desigualdades provocadas pelo sistema capitalista. O respeito e valorização pelo conhecimento que o aluno carrega, as aulas dentro e fora da sala, a interação com ambiente externo da escola, o interesse pelos contextos familiares e sociais dos quais o estudante participa, o contato com a natureza são alguns dos princípios expandidos por Freinet e Freire.



A compreensão crítica dos seres humanos, e o meio ambiente aparecem novamente nos trabalhos desses dois educadores e pesquisadores. Encontrando as conexões da cultura, da educomunicação, da cosmovisão afroreferenciada e da agroecologia a partir dos saberes populares, das metodologias tradicionais, das práxis que promovam mudanças sociais, práticas sustentáveis, comunitárias e educação ambiental. São esses saberes que podem promover desenvolvimento territorial sustentável. Stuart Hall (2005) discorre sobre a compreensão dos espaços-tempos e os territórios. Para ele, as mudanças estruturais que a globalização vem provocando têm criado e multifacetadas identidades culturais. Essas transformações têm ocorrido em diásporas e interferem nas relações sociais dos espaço-tempos e nos modos que as identidades estão situadas.

Nessa perspectiva e nas outras já dialogadas é que trazemos bell hooks (2019) que motiva a luta em todos os espaços ocupados, para exercer a existência, resistência e reexistência. O amor é para ela ação e instrumento para a prática do cuidado, da ética, da criatividade, da representatividade e do encantamento por provocar mudanças mais propositivas, humanizadas e holísticas, ou seja, para além do lugar que se ocupa.

Ser agente de provocações e de possíveis transformações ajuda a ter um mundo que realmente mantenha a interligação do homem com a natureza e com todas as formas de vida. bell hooks (2006) ao se referir a Freire, traz a identificação com os agricultores marginalizados falados pelo educador em seus trabalhos. O sentimento foi incitado quando ela questionava as formas de opressão e violências que existem nos Estados Unidos, tais quais o racismo, o sexismo e a exploração de classe. Mais uma convergência sobre o que acontece no meio urbano e no rural. São essas semelhanças que explicam as raízes dos problemas e quais possíveis alternativas para enfrentá-los.

Outro achado que a revisão bibliográfica mostrou são as metodologias que se conectam das ciências pesquisadas e que podem ser usadas como caminhos e instrumentos que incentivem a construção da autonomia, da criticidade, do coletivo, do conhecimento no campo e na cidade. A seguir algumas delas:

Aprendizagem participativa
Diálogo e reflexão
Educomunicação a partir dos saberes ancestrais sobre o homem e o meio ambiente
Conteúdos para diferentes mídias de comunicação cidadã e socioambiental
Produção de práticas educativas, ambientais, sustentáveis, comunitárias
Rodas de conversas por uma educação crítica, libertadora, emancipadora e transformadora
Valorização da cultura popular, ancestral, empírica e científica
Mecanismos que promovam a justiça social e da equidade do campo
Promoção de pedagogias e práticas interseccionais, que promovam a biodiversidade, a saúde humana e da natureza
Cursos, atividades, oficinas, aulas expositivas, teóricas e práticas
Criação de rede partilhamentos de saberes e práxis
Multiplicação de conhecimentos educativos, comunicacionais, agroecológicos e afroreferenciados
Realização de eventos, feiras, exposições e seminários



Atuar na difusão dessas práticas, fortalece a incorporação das ideias ambientais no cotidiano das comunidades, fazendo com que se propague a agricultura sustentável, para os diferentes grupos sociais, atrelado ao desenvolvimento econômico, ambientais e político, pois, as ações voltadas para agroecologia tem como base o contínuo processo de desenvolvimento da produção e alimentos de modo orgânico.

Conclusões

As conexões pesquisadas mostram a importância dos agentes das Ciências da Cultura, da Educomunicação, da Cosmovisão Afroreferenciada e da Agroecologia e desses saberes continuarem seus trabalhos no campo e na cidade, na escola e no trabalho, em casa e nos meios de comunicação, nos grupos e nas ruas, nos jardins e nas florestas, nas empresas e nos quilombos, nos prédios e nos quintais. As relações identificadas apresentam metodologias educacionais, afroreferenciadas e agroecológicas que integram e respeitam todas as formas de vidas.

Referências bibliográficas

FREINET, Celestin. **A Educação do Trabalho**. Tradução: Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: **Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos**. Brasília: ANPOCS, 1983.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HOOSK, bell. **Olhares negros: raça e representação**. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

_____. Vivendo de amor. In: WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maisa; WHITE, Evelyn C (Orgs). **O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe**. 2. Ed. – Rio de Janeiro: Pallas / Criola, 2006.

PETIT, Sandra Haydée. **Pretagogia: Pertencimento, Corpo-dança Afroancestral e Tradição Oral**. Contribuições do Legado Africano para Implementação da Lei 10639/03. Fortaleza: EdUece, 2015.

PRIMAVESI, Ana. **Agroecologia, ecosfera, tecnosfera e agricultura**. São Paulo: Nobel, 1997. 199p.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade - a forma social negro brasileiro. Claros e escuros**. Petrópolis: Vozes, 1988.